



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO
PROFESSOR ORIENTADOR: LUIZ CLÁUDIO FERREIRA
ÁREA: PRODUTO - DOCUMENTÁRIO

EDUARDO RANGEL VIDIGAL SIMÕES AIACHE E RODOLFO COSTA
RODRIGUES

**PARATLETAS:
A SUPERAÇÃO PELO ESPORTE NO DISTRITO FEDERAL**

BRASÍLIA

2013

**EDUARDO RANGEL VIDIGAL SIMÕES AIACHE E RODOLFO COSTA
RODRIGUES**

**PARATLETAS:
A SUPERAÇÃO PELO ESPORTE NO DISTRITO FEDERAL**

Trabalho de conclusão de curso (TCC)
apresentado como um dos requisitos
para a conclusão do curso de
Comunicação Social / Jornalismo do
UniCEUB - Centro Universitário de
Brasília

Orientador: Luiz Cláudio Ferreira

BRASÍLIA

2013

**EDUARDO RANGEL VIDIGAL SIMÕES AIACHE E RODOLFO COSTA
RODRIGUES**

PARATLETAS: A SUPERAÇÃO PELO ESPORTE NO DISTRITO FEDERAL

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado
como um dos requisitos para a conclusão do curso de
Comunicação Social / Jornalismo do UniCEUB - Centro
Universitário de Brasília

Brasília, 10 de junho de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Professor Luiz Cláudio Ferreira
Orientador

Professora Cláudia Busato
Examinadora

Professor Sérgio Galdino
Examinador

BRASÍLIA
2013

EPIGRAFE

"Nós não devemos deixar que as incapacidades das pessoas nos impossibilitem de reconhecer as suas habilidades." (Hallahan e Kauffman, 1994)

DEDICATÓRIA

Dedico em primeiro lugar a Deus pela força e coragem durante toda esta longa caminhada. Dedico esta, bem como todas as minhas demais conquistas aos meus amados pais, Romilson Rangel Aiache e Ana Arlena Vidigal Simões Aiache, que me apoiaram nesta longa jornada. Se não fosse por eles, eu não conseguiria concluir este sonho. Também ao meu irmão, Davi Rangel Vidigal Simões Aiache, pelos conselhos e pela amizade de tantos anos. Ao meu filho, Guilherme Azoubel Aiache, que se tornou a minha força para continuar lutando até o final. Em especial à minha segunda mãe, Ana da Conceição Simões (*in memoriam*), que sempre foi a minha maior inspiração para me tornar quem eu sou e insistir em tentar contribuir para um mundo melhor.

Dedico-lhes essa conquista com gratidão e amor.

Eduardo Rangel Vidigal Simões Aiache

Dedico, primeiramente, este trabalho de conclusão de curso para minha mãe, Maria Elisa Costa, que sempre me apoiou em todos os anos de minha vida e fez todo o esforço possível para que nada de importante faltasse para minha formação pessoal, profissional e acadêmica. Se não fosse pelas críticas e elogios dela afirmo, com muita convicção, que não escreveria estas palavras nesse período do ano. Obrigado, mãe. Você, que me criou e acabou tendo que fazer um papel de pai, tem todo o meu eterno agradecimento, respeito e amor.

Gostaria também de dedicar todo este esforço à minha avó, Adelaide Maria Rosette Costa. Com carinho e sabedoria me ensinou muitos valores que certamente vou levar comigo para toda a vida. Agradeço muito a todo o apoio e incentivo, principalmente na minha educação. Deixo registrado também todo o meu carinho pelo amigo, professor e conselheiro Marco Paulo de Figueiredo Barros, que teve e ainda tem grande importância na minha formação acadêmica, sempre me incentivando a ser um grande profissional algum dia.

À minha família, que esteve presente em toda minha evolução como pessoa. Em especial ao meu padrinho, Hercimar Ribeiro da Silva, e o genro dele, Eduardo Gonçalves de Oliveira. Ambos sempre se propuseram para me ajudar e aconselhar tanto na vida pessoal, profissional e educacional.

Aos meus amigos, em especial a Eduardo Rangel Vidigal Simões Aiache, Lucas Dayrell de Almeida e Thiago Toledo Fabricio da Silva, que, em todo o decorrer da graduação, me incentivaram e estiveram presentes nos momentos de alegria e tristeza. O apoio deles foi certamente fundamental para meu sucesso até este momento.

Também agradeço ao meu professor orientador, Luiz Claudio Ferreira. Credito a ele muito do conhecimento jornalístico adquirido ao longo do curso. Ele não desistiu de mim quando fraquejei, me desmotivei, e acreditou no meu potencial. Se hoje almejo dia após dia crescer na profissão e me tornar um bom jornalista no futuro, muito disso devo a ele.

Rodolfo Costa Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me concedido saúde, força e perseverança para chegar até o final de mais uma etapa importante em minha vida. Sobretudo por ter me dado sabedoria nos momentos mais difíceis de minha jornada enquanto graduando de jornalismo e por toda a minha vida. Pela oportunidade de viver os ensinamentos que tive durante três anos e meio. Eu não poderia imaginar vivenciar tantas experiências quando pisei pela primeira vez no bloco doze de comunicação do UniCEUB. E nem poderia descrever com perfeição as sensações que senti ao longo dos anos, as amizades que construí e as lembranças que irei levar para a minha carreira.

Por seguinte, jamais poderia esquecer de agradecer aos meus queridos pais, Romilson Rangel Aiache e Ana Arlena Vidigal Simões Aiache, pois sem o apoio deles, seria impossível colher os frutos deste momento tão especial. Ao meu pai a quem me espelhei e me espelho, gostaria de agradecer por me tornar um cidadão de bem, ético e que luta por uma sociedade mais justa e honesta. Sem me esquecer da humildade de saber que só seria a pessoa que sou por causa de seus ensinamentos. A minha mãe por todos os anos de dedicação, carinho e amor que me foram fundamentais para aguentar as pancadas da vida.

Também não poderia me esquecer de agradecer meu irmão, Davi Rangel Vidigal Simões Aiache, no qual cuidou e zelou por mim, e que por ser mais velho e sábio, também se tornou um espelho para que eu crescesse na vida. Gostaria de agradecê-lo por sempre estar ao meu lado, nos momentos mais difíceis e também nos de alegria constante.

Ao meu filho, Guilherme Azoubel Aiache, que trouxe uma nova perspectiva a minha vida, uma nova luz e força para ir além e não desistir mesmo nas dificuldades. E me desculpar por tantas horas ausentes, devido a diversos motivos ao qual a vida infelizmente proporcionou e que não pude apoiá-lo como deveria apoiar em muitos momentos.

não pude apoiá-lo como deveria apoiar.

Gostaria de agradecer a Andréia Mendes Silva, que me apoiou a seguir meus sonhos, a me esforçar pelo que quero e acreditar em mim mesmo. Sem a presença dela nesses seis anos e meio em minha vida, não sei se teria forças para chegar ao fim deste curso. E também agradecer pelos momentos de compreensão, quando não estive presente por estar trabalhando e aprendendo nesse ramo que dedica muitas vezes trabalho nas horas de lazer.

Aos meus amigos fora do curso que fizeram parte da minha vida e contribuíram para meu crescimento. A meu amigo e colega de TCC, Rodolfo Costa Rodrigues, que fez um grande esforço para conseguir tempo e me ajudar nas tarefas complicadas do trabalho, com paciência, esforço e dedicação. Também a minha querida amiga, Jéssika Silva Montanha, que disponibilizou horas de descanso, para ajudar a gravar diversas cenas deste trabalho, e que foi fundamental para conclusão do projeto.

E aos meus colegas de classe, companheiros de profissão, talentosos, esforçados e competentes. Ao qual tive o enorme prazer de conviver e aprender a cada dia. E que também se tornaram grandes amigos que irei levar para minha vida. Em especial, Luisa Ikemoto, Lucas Pacheco, Gabriela Lapa, William Farias, Mariana Castanho, Yuri Freitas, Cecília Sóter, Rafael Lopes, Sussane Martins, Lucas Magalhães e Camila Aldrighi, que transformaram a rotina cansativa de estudos e trabalhos, em algo menos penoso e mais descontraído e gratificante.

Ao docente, mestre e amigo Luiz Cláudio Ferreira, que se empenhou em ajudar a produzir este trabalho, e que também sempre dedicou seu tempo livre para formar profissionais éticos e ensinar aos seus alunos e agora colegas de profissão, o verdadeiro jornalismo. Com inspiração, competência, amor e paixão.

Chego também aos mentores, orientadores, funcionários da instituição e amigos acima de tudo. Jackson de Sena, Adriano Karlin, Davi Barbosa, Henrique Moreira, Bruno Nalon, João Melo, Gélio Silva, Gleyson de Oliveira e Edla Lula. Obrigado por toda a cooperação em ajudar a me tornar um profissional melhor. E obrigado pela parte operacional disponibilizada, pois sem ela este documentário não existiria.

Também não poderia deixar de agradecer aos meus avós Oscar Aiache, Doraci Rosa Aiache e Antônio Carlos Simões, e Maria Arlena Vidigal Simões, que me aconselharam durante toda a minha vida e me inspiraram a seguir esta profissão. Meu avô materno por também ser jornalista e meu avô paterno que foi fotógrafo. A minha avó materna por me ensinar o valor do trabalho e a minha avó paterna por me ensinar enquanto estava viva, os valores da família, do carinho e da risada.

E por último, não poderia deixar de agradecer a duas pessoas extremamente especiais para mim. Primeiramente minha segunda mãe de coração, Ana da Conceição Simões, chamada carinhosamente de “Tia Ana” por todos que a conheceram, e que infelizmente não se encontra mais entre nós fisicamente. Porém sem os ensinamentos dela, não teria conhecido com perfeição o amor verdadeiro, o carinho incondicional, o esforço em se fazer o bem e a alegria de ver o outro feliz. E ao meu maior amigo e parceiro de todas as horas, Crasso Ciulla, que infelizmente também acabou partindo mais cedo, mas que nos quatro anos em que estivemos juntos se mostrou mais que um amigo, me ensinado o valor de se viver intensamente da forma mais alegre possível. E me permito até a citar uma frase de um autor desconhecido, mas que define meu sentimento por ele perfeitamente para fechar meus agradecimentos: “Um irmão é um amigo que Deus lhe deu; um amigo é um irmão que seu coração escolheu”.

Todas essas pessoas influenciaram em algum aspecto e de alguma forma para a construção deste TCC. E também para a criação e formação da minha pessoa. Por isso só posso dizer uma coisa a todas elas: Obrigado!

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Maria Elisa Costa, e vó, Adelaide Maria Rosette Costa. Também a todo o restante da minha família e amigos a quem tenho tanta admiração. Desde que iniciei minha graduação, no segundo semestre de 2009, tive a felicidade de conhecer tantas boas pessoas, seja na faculdade ou nos locais onde trabalhei.

Gente que, nos mínimos detalhes, fizeram alguma diferença para mim. Acredito que posso sempre aprender algo novo com a convivência diária nos ambientes sociais. Ter uma base educacional é de fundamental importância, mas aprender com a vida também tem seu valor.

Quero agradecer aos amigos do curso de comunicação social e às amigas feitas no Correio Braziliense e no Grupo Vestcon, além do tempo que passei na Miranda Imobiliária, minha primeira experiência profissional. Ao marido da minha tia Sônia Maria Costa Miranda Lima, Rilmar Regis Miranda Lima, que me ensinou uma importante lição de vida.

Também agradeço à Jéssika Silva Montanha, que ajudou a mim e meu amigo Eduardo Rangel Vidigal Simões Aiache na fase de produção do projeto. Ao editor de vídeos Gabriel Zago, imprescindível para a conclusão do produto final. À Secretaria de Estado de Esporte do Distrito Federal e à Secretaria de Educação do Distrito Federal, por permitirem as filmagens.

E, por fim, um enorme e especial agradecimento às fontes participantes do documentário. Conhecê-los foi um enorme prazer, não para que o projeto fosse concluído, mas sim por ter sentido um crescimento próprio como pessoa. Do pouco tempo que tive para conhecê-los, pude aprender mais e crescer com as histórias de todos eles.

Rodolfo Costa Rodrigues

RESUMO

Este é o memorial descritivo do documentário “Paratletas: A Superação Pelo Esporte no Distrito Federal”, sobre atletas portadores de deficiência física do Distrito Federal que através do esporte mostram que suas limitações não os impedem de alcançar objetivos e sonhos almejados. Mesmo com o pouco apoio do governo e raras aparições na mídia, esses paratletas se superam a cada dia, atingindo, como nos últimos jogos Paralímpicos de Londres 2012, resultados surpreendentes e elevando o nome do país, ficando à frente de atletas considerados normais e mais conceituados no mundo do esporte olímpico. O documentário visa mostrar que independentemente de um portador de necessidades especiais praticar um esporte de alto rendimento, ele pode chegar a ser um grande campeão. O esporte serve além de tudo, como uma fuga da rotina, da depressão e serve como impulso para se desenvolver como atleta e alcançar sua própria inclusão na sociedade. O Paratletas: A Superação Pelo Esporte no Distrito Federal tem a pretensão de mostrar como uma pessoa comum, abatida por uma fatalidade, muitas vezes só precisa acreditar em si, em seus sonhos, para conquistar a um objetivo. E que mesmo com o muito pouco que lhe é oferecido, se existe a força de vontade para continuar e vencer os próprios obstáculos, nada poderá detê-la. O trabalho também pretende sensibilizar a mídia para que volte seus olhos com mais atenção a esses atletas que lutam para elevar o nome do Brasil, mesmo não obtendo o merecido reconhecimento.

Palavras-Chave: Esporte. Paratleta. Distrito Federal. Paralímpico. Atletas. Apoio. Superação.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Objetivos.....	13
1.2 - Justificativa.....	14
2 – PARALÍPISMO: PORTADORES DE DEFICIÊNCIA OU PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....	15
3 – DEMOCRATIZAÇÃO PELO ESPORTE.....	17
3.1 – Família e o paratleta.....	18
3.2 – Integração social e inclusão social.....	19
4 – DIMENSÕES SOCIAIS DO ESPORTE.....	21
5 – MÍDIA COMO FATOR DECISIVO NA DIFUSÃO DO ESPORTE.....	23
6 – DOCUMENTÁRIO X VÍDEO REPORTAGEM.....	25
7 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	28
7.1 – Personagens do documentário.....	29
8 – RELATÓRIO DE EDIÇÃO E ROTEIRO.....	33
9 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
10 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
11 – ANEXOS.....	40

1. INTRODUÇÃO

Resultados impressionantes, pouco investimento financeiro e principalmente histórias que não ganham o destaque merecido da mídia. A luta dos paratletas

algumas vezes é percebida, mas não aprofundada. Quem realmente são essas pessoas? De que modo elas querem ser vistas? Até que ponto a deficiência limita suas vidas? Onde podem e querem chegar por meio do esporte?

Essas perguntas são a base da análise feita no documentário, que utilizará palavras, sons e imagens, pois além de mostrar o factual, o jornalista também é um contador de histórias, de casos interessantes e que tem a capacidade de mudar o foco dos holofotes da sociedade para setores onde muitos não podem estar ou sentir a emoção. Este é o objeto deste trabalho. A história de vida dessas pessoas é inspiradora, marcante, mas muito mais que isso, vitoriosa.

É dentro desse contexto que observamos o papel do esporte na vida desses atletas. Como algo tão simples pode influenciar tanto a vida de pessoas comuns e mudar o rumo de tantos destinos? Essa integração que o esporte faz parece ser, sim, pelo menos no Brasil e no caso desses paratletas, a forma mais democrática de inserção social e de redefinição de sonhos não só a eles, como a qualquer brasileiro que seja apaixonado pelo esporte.

A mídia, em seu papel principal, tem o dever de informar, contar e mostrar os fatos. Entretanto, o que se pode observar é que a mídia também serve como fator de divulgação, publicidade e obtenção de lucro. No caso do esporte não é diferente. Se a imprensa dá destaque a algo, esse algo rapidamente pode transformar-se em fonte geradora de receita. Ou seja, se a mídia no esporte só focar o futebol, só o futebol irá gerar dinheiro com patrocínios, direitos de imagem etc. Então, é imprescindível que a mídia atue forte em toda e qualquer modalidade de esporte no país tanto para gerar lucro para ela, como para o país e o esporte. Um exemplo de como isso tem ocorrido bem no país, é o próprio basquete e o vôlei, que atualmente, graças a generosos patrocínios de empresas ligadas ao governo, tem ganhado destaque na televisão e gerado lucros para todos os envolvidos no ramo.

Este trabalho de conclusão de curso apresenta um vídeo-documentário intitulado “Paratletas: A Superação Pelo Esporte no Distrito Federal”, onde os jogadores e atletas de diversas modalidades do paratletismo buscam a independência financeira para manter de pé seus sonhos, ou simplesmente ter o

reconhecimento para praticar um esporte por lazer e ter uma qualidade de vida melhor para ele, ou outras pessoas que se encontram na mesma situação. No total, foram dez gravações e dez entrevistas. As histórias foram distribuídas em imagens e depoimentos de paratletas que atuam no Distrito Federal.

1.1 Objetivo

O objetivo deste documentário é relatar a superação dos paratletas brasileiros, em especial do Distrito Federal, e mostrar que mesmo com pouca divulgação da mídia, pouco apoio do governo e as limitações que o próprio corpo lhes impõe, esses guerreiros encontram forças para continuar vivendo e lutando para alcançar seus objetivos e representar bem o Brasil nas competições internacionais.

Uma vez que a cobertura da mídia no esporte privilegia maciçamente o futebol, o documentário visa sair do lugar comum e tentar preencher esse vazio, abordando a questão do paratletismo e se aprofundar no lado humano destas pessoas, mostrando como esses paratletas transformam sua deficiência em eficiência. É um relato, através do depoimento dos próprios paratletas e profissionais que convivem com eles todos os dias, de onde tiram essa força pelo esporte, para não desistirem e provarem que são iguais a qualquer outra pessoa.

Outro objetivo que o filme pretende alcançar é apresentar o paratleta ao público em geral, derrubando os preconceitos e as suposições de que essas pessoas, em razão da deficiência, são menos capazes que outras em qualquer atividade. Ao contrário, é preciso mostrar que se houver esforço, apoio e dedicação, o Brasil só tem a ganhar ao investir nesse mundo que começa a ser explorado e vem se destacando no esporte mesmo com a carência de recursos.

1.2 Justificativa

É característica do jornalismo, ainda mais com a internet hoje em dia, a agilidade e rapidez na apuração de uma informação. Entretanto, também é da

característica do jornalismo e do jornalista a criatividade e a procura de passar sempre a notícia da forma mais clara, real e verdadeira para a população. Apesar do texto produzido nos emocionar e informar, por se tratar de um assunto tão delicado, a criação de um documentário traduziria melhor a realidade vivida pelos personagens e se encaixaria de forma plena no trabalho a ser apresentado.

O documentário tem, mesmo em sua forma mais simples, a possibilidade de trazer o detalhe, se aprofundar, emocionar e inovar, pois transmite a própria vivência de quem relata o assunto e demonstra transparência, mais do que em qualquer tipo de mídia, reafirmando a frase de que “uma imagem vale mais que mil palavras”, (Confúcio).

A decisão por um documentário jornalístico se deu em função de buscar transparecer que as dificuldades dos paratletas em praticar o esporte não vêm da sua deficiência e sim de outros aspectos, que seriam melhor captados e registrados por meio de depoimentos em vídeo.

[...] No documentário a imagem não é utilizada com fins meramente ilustrativos ou para confirmação do que é dito; a exploração do seu lado conotativo é o que de mais importante o documentário imprime nas imagens que utiliza. São elas o elemento essencial do documentário e que se sobrepõem ao que possa ser dito. (PENAFRIA, 1999. p.23)

Por isso, retratar o mundo do paratletismo com o uso da imagem em vídeo se tornou essencial neste TCC. As histórias, os personagens, o esporte e as dificuldades, já demonstravam a necessidade deste auxílio.

2. PARALIMPISMO: PORTADORES DE DEFICIÊNCIA OU PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Os Jogos de Londres encantaram e surpreenderam muitos brasileiros, com tanta disputa e entrega por parte dos competidores que representaram o país na capital inglesa. Mas passados mais de oito meses da realização do evento, os termos “Paraolimpíadas” e “Paralimpíadas” ainda geram dúvidas.

A pedido do Comitê Paralímpico Internacional (COI), o evento chamado “Jogos Olímpicos” teve o nome alterado para “Jogos Paralímpicos”. O motivo: se adequar aos outros países da língua portuguesa, como Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, que já haviam aderido o nome atual.

De acordo com o colunista Sérgio Rodrigues, da revista Veja, o pedido do COI explora a riqueza semântica de ‘para’, que, segundo o dicionário Houaiss, pode indicar, além de defeito, proximidade e semelhança.

No entanto, como lembra o colunista da revista Época Felipe Patury, a presidente Dilma Rousseff decidiu vetar o uso do termo “paralímpico” em documentos oficiais. Em lugar dele, será usado a expressão paraolímpico. Por determinação presidencial, a expressão “errada” ficará restrita a nomes próprios, como o do próprio COI e do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB).

Diferente da questão linguística aparece a forma de como se referir a um deficiente. Autor do artigo *Como chamar as pessoas que têm deficiência?*, o consultor social aponta que não há um termo correto.

A razão disto reside no fato de que a cada época são utilizados termos cujo significado seja compatível com os valores vigentes em cada sociedade, enquanto esta evolui em seu relacionamento com as pessoas que possuem este ou aquele tipo de deficiência. (SASSAKI, 2003, p. 8)

Para o especialista, as proposições mais aceitáveis hoje são “pessoas com necessidades especiais” e “pessoas com deficiência”. A primeira surgiu primeiramente para substituir “deficiência” por “necessidades especiais”. Depois, o termo passou a ter significado próprio sem substituir o nome “pessoas com

deficiência”, que passou a ser o termo preferido por um número cada vez maior de adeptos das organizações de pessoas com deficiência.

Elas esclareceram que não são “portadoras de deficiência”, termo muito utilizado entre os anos de 1988 a meados de 1993. Para ele, a condição de se ter uma deficiência faz parte da pessoa, não cabendo dizer que a pessoa porta a deficiência.

3. DEMOCRATIZAÇÃO PELO ESPORTE

Mais do que fonte de lazer e entretenimento, o esporte atua como engrenagem para a formação de uma sociedade. A cultura esportiva vai desde os noticiários de um café da manhã em casa a uma mesa de bar ou restaurante com amigos e familiares. Se faz presente em sua totalidade e em praticamente todas as sociedades, como apresenta Valter Bracht (2003), sendo hoje “uma das práticas sociais que reúne a unanimidade quanto à sua legitimidade social”.

O esporte “moderno” desenvolve-se a partir do século XVIII em estreita relação com o desenvolvimento da sociedade capitalista inglesa. Essa por sua vez, desenvolve-se enquanto forma específica do que mais genericamente denomina-se sociedade moderna. (BRACHT, 2003, p. 98)

A primeira participação de uma pessoa com deficiência em eventos esportivos aconteceu apenas no final da década de 1960, quando, pelo ideal do neurologista Sir Ludwig Guttmann, foi construído e inaugurado na Inglaterra, em 1969, o Estádio de Stoke Mandeville. Específico para provas esportivas para deficientes, o objetivo era motivar e diminuir, através do esporte, o tédio da vida desocupada do deficiente. A ideia acabou estimulando no mundo inteiro a organização de jogos para deficientes, mostrando que eles também podem praticar atividades físico-esportivas¹. Segundo Manoel Tubino (2001), “a utilização do esporte como meio de democratização será sempre uma consequência da amplitude da prática esportiva”.

A democratização pelo esporte implicará sempre numa prática esportiva livre, onde a liberdade estará sempre implícita. Esta é uma das razões mais efetivas para que o esporte não seja considerado um fim em si mesmo, mas que possa permanentemente servir de meio indiscutível de formação e libertação dos seus praticantes. Nesta perspectiva, o reconhecimento do esporte como um direito de todos foi um passo importantíssimo para a percepção das possibilidades do fenômeno esportivo como meio de democratização (TUBINO, 2001, p. 26)

No entanto, mesmo inseridos na sociedade por meio do esporte, os atletas com deficiência ainda convivem com o preconceito, sendo marginalizados perante padrões e referenciais dos tidos atletas “normais”, segundo o psicólogo Ricardo Brandt. Para ele, a sociedade não foi feita para aceitar o que foge de uma padronização compreensível e aceitável entre atletas.

(...) O esporte adaptado foi idealizado pela motivação da inclusão social, conseguindo algumas leis que dão direitos aos deficientes físicos. No entanto também, constata-se uma imensa dificuldade da sociedade para efetivar suas proposições, verificando a necessidade de uma constante revisão de suas práticas inclusivas, que em alguns casos o efeito é contrário, excluindo e discriminando. (BRANDT, 2008, p. 5)

Ricardo Brandt vai além e acredita que o deficiente ainda é visto pela sociedade de uma maneira parecida com os idosos, tratados como seres de outro mundo, que não podem ser contrariados. O especialista destaca que a forma de tratar as pessoas com algum tipo de deficiência é errado, visto que elas não precisam de pena, de compaixão, e sim de condições para viver dignamente, visto que são pessoas como todas as outras.

3.1 Família e o paratleta

Tão importante quanto o esporte como forma de reabilitação e inclusão social para uma pessoa com deficiência é a família. Contudo, no livro de Patricia Osandón (2008), o consultor de inclusão social Romeu Sasaki destaca que o apoio familiar deve ser praticado dentro de casa como o esperado pela população em âmbito comunitário.

(...) Há pais que hesitam em permitir que seus filhos com deficiência estudem em escolas comuns e há pais que temem a convivência de seus filhos com colegas que tenham deficiências ou síndromes. A solução é a criação de ambientes inclusivos onde todos aprendam a conviver com as diferenças e passem a respeitar uns aos outros. (OSANDÓN, 2008, p. 192)

O educador físico Sidney Rosadas¹ acredita que o processo de conduta entre família e o deficiente deve começar por mudanças de hábitos, para que se crie um sistema familiar onde todos devem participar de alguma forma.

Rosadas (1989) pede que os familiares tratem a pessoa com deficiência sem uma proteção demasiada, para que eles se sintam menos dependentes e mais

¹ na obra *Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente: Eu posso. Vocês duvidam?* (1989)

responsáveis de si mesmos. A motivação deve existir, mas de forma moderada, para que eles busquem novos estímulos e melhores desempenhos nas atividades físicas.

3.2 Integração social e inclusão social

No decorrer das entrevistas, a dupla de entrevistadores utilizou muito os termos inclusão social e integração social durante as entrevistas. É interessante esclarecer as diferenças específicas entre ambos os termos. Na obra de Patrícia Osandón (2008), o consultor social Romeu Sasaki aborda essas diferenças.

Segundo o especialista, a prática da integração foi bastante difundida principalmente nos anos 1960 e 1970, e tinha como base o modelo médico da deficiência. Isso previa que a sociedade tinha que habilitar, reabilitar e educar o deficiente para torná-lo apto a satisfazer os padrões aceitos no meio social, abrangendo as esferas familiar, escolar, profissional, recreativa e ambiental.

A prática da inclusão teve origem na década de 1980, mas foi consolidada nos anos 1990. Ela segue o modelo social da deficiência e aponta uma modificação da própria sociedade de forma a torná-la capaz de acolher todas as pessoas que, uma vez incluídas, poderão ter atendidas as necessidades comuns e especiais.

Romeu Sasaki usa como exemplo a educação. Na inclusão social, é a escola que deve ser capaz de acolher todo tipo de aluno e oferecer um ensino de qualidade, com respostas compatíveis às habilidades, necessidades e expectativas.

Já a integração trabalha com o pressuposto de que o aluno precisa ser capaz de aprender no nível pré-estabelecido pelo sistema de ensino.

(...) No caso de alunos com deficiência, a escola comum condicionava a sua aceitação a uma certa profundidade que somente as escolas especiais e, em alguns casos, as classes especiais poderiam conseguir. E mesmo aceitos sob esta condição, estes alunos ficavam sujeitos a ser devolvidos às classes/escolas especiais se mais tarde viessem a apresentar dificuldades de aprendizagem e/ou de relacionamento. (OSANDÓN, 2008, p. 191-192)

Brandt (2008) ressalta que a falta de acessibilidade e oportunidade são responsáveis pela diminuta participação de pessoas deficientes na sociedade. Para ele, simples problemas estruturais abrem margem para causas de exclusões sociais. As necessidades de um indivíduo com deficiência não diferem dos outros. É preciso valorização para que essas pessoas participem do grupo familiar e social.

4. DIMENSÕES SOCIAIS DO ESPORTE

Para Tubino (2001), três fatores sociais compõem a perspectiva do direito à prática esportiva para todos, os quais ele chama de dimensões do esporte:

- 1) o esporte-educação;
- 2) o esporte-participação ou popular;
- 3) o esporte-performance ou de rendimento.

No primeiro item, Tubino acredita em uma falha na forma como as instituições educacionais aplicam o esporte nas escolas. Segundo ele, as competições escolares, que deveriam buscar valores meramente educativos, têm reproduzido os eventos de alto nível, com direitos a medalhas e troféus.

A educação, que tem um fim eminentemente social, ao compreender o esporte como manifestação educacional, tem que exigir do chamado esporte-educação um conteúdo fundamentalmente educativo (TUBINO, 2001, p. 35)

Reconhecido por Tubino como a dimensão social do esporte mais condizente com os princípios democráticos, o esporte-participação difere-se do esporte-performance pelo lado lúdico, voltado para o bem estar social dos praticantes, tendo como propósito principal a descontração e a integração social.

O esporte-participação como a própria denominação sugere, ao promover a participação e ao obter sucesso neste seu objeto principal, pode-se afirmar, equilibra o quadro de desigualdades de oportunidades esportivas encontrado na dimensão do esporte-performance. (TUBINO, 2001, p. 39)

Na contramão do esporte-participação, o esporte de rendimento não pode ser considerado uma dimensão voltada os preceitos democráticos, onde basicamente só os mais talentosos são tidos como capazes de alcançar o sucesso, segundo Tubino (2001).

Bracht (2003) lembra que, com a busca por melhores resultados, vem a rivalidade entre nações. Ele cita o uso de *doping*, prática de dosagem de substância química utilizada pelos atletas para fazer frente às exigências de sempre almejar maiores rendimentos.

Para Tubino (2001), uma dos principais pontos negativos das dimensões sociais do esporte é a reprodução compulsória do esporte-performance na educação, que ganha cada vez mais mídia devido aos meios de comunicação de massa, principalmente da televisão.

Prosseguindo na argumentação de que o esporte na escola pode ser um dos meios mais efetivos de formação dos jovens, a prática esportiva como educação social será indispensável no desenvolvimento de suas personalidades e imponderável nos seus processos de emancipação. (TUBINO, 2001, p. 36)

Na opinião do autor, o apelo leva os dirigentes educacionais a desconhecer a magnitude da utilização pedagógica do esporte como meio de educação. Apesar de contrários, é notório o destoamento do esporte-performance e do esporte-educação pelas exacerbações dos talentos em detrimento dos outros estudantes e até os vícios do esporte de alto rendimento no convívio escolar.

Este processo está intimamente ligado à construção de grandes feitos dos heróis esportivos. Esses são capazes de feitos não explicáveis, mas sim, admiráveis. Esses feitos são trazidos e vivenciados pelos espectadores no âmbito de uma linguagem que constrói um mundo que é ao mesmo tempo real e imaginário. (BRACHT, 2003, p. 118)

Toda a preocupação com as dimensões sociais do esporte acabam sendo diretamente ligadas às pessoas com deficiência. Brandt (2008) afirma que elas são tão competitivas quanto atletas tidos como normais, ou até mais, por querer mostrar toda a própria superação do resultado e da deficiência física. No momento que essas pessoas competem, as diferenças desaparecem. Segundo o especialista, no momento da prática, todos os atletas têm a mesma deficiência. Dessa forma, eles se enfrentam sem desvantagens.

5. MÍDIA COMO FATOR DECISIVO NA DIFUSÃO DO ESPORTE

Tão presente no cotidiano da sociedade moderna, a mídia ganha cada vez mais espaço na divulgação do esporte no Brasil. Ao contrário das primeiras décadas do século XX, quando as notícias esportivas ganhavam espaços mínimos nos principais jornais do país, hoje, movidas principalmente pelos grandes eventos esportivos a serem realizados nos próximos três anos – Copa das Confederações, Copa do Mundo e Jogos Olímpicos –, dividem a atenção com matérias de editoriais consideradas mais nobres, como economia e política.

Com a influência da mídia sobre a prática social esportiva, o esporte de rendimento ganhou um maior número de adeptos ou aficionados, aponta Tubino (2001). Difundido principalmente pela televisão e movido por interesses comerciais, alguns esportes passaram a ter maior visibilidade, tendo provocado maior incidência da prática em determinadas modalidades, como o futebol e vôlei. Em contrapartida, aqueles que não sensibilizam a mídia, acabam sendo excluídos dos noticiários esportivos diários.

O maior problema para a divulgação dos esportes mais excluídos da grande mídia é dado pelo próprio meio em si. Segundo Coelho (2003), “o mercado do jornalismo esportivo só permite a criação de profissionais da área de futebol, de automobilismo, por vezes de tênis”. (COELHO 2003, p. 37)

Para se trabalhar com os esportes de menor divulgação na mídia, Coelho (2003) afirma que é preciso uma maior especialização, pois o próprio envolvimento com o atleta exige isso. Segundo o autor, quando são tratados os esportes olímpicos, de pouca divulgação no Brasil, o profissional tem que saber esperar pela hora certa de o trabalho aparecer.

Os atletas carecem de divulgação e muitas vezes ajudam aos que chegam aos ginásios com a finalidade de aprimorar-se. Em pouco tempo, o repórter ganha respeitabilidade, menos pelo conhecimento técnico de que dispõe e mais pelo reconhecimento dos atletas pelo fato de ele estar lá, disposto a aperfeiçoar-se (COELHO, 2003, p. 49).

Na obra de Osandón (2008), o velejador brasileiro Lars Grael aponta a divulgação do esporte paraolímpico como importante medida para a inclusão social. “Ao divulgar o esporte paraolímpico e mostrar os direitos da pessoa com deficiência, além de exaltar os feitos que um deficiente produziu na sociedade como qualquer ambiente ou setor produtivo profissional, os ganhos são muito grandes”. (OSANDÓN, 2008, p. 177)

O papel de inclusão das pessoas com deficiência também é destacado na obra de Osandón (2008) pelo jornalista Fernando Vanucci, que participou da cobertura dos Jogos Paralímpicos de Atenas, em 2004. Para ele, mostrar a história,

a luta e a vontade de um atleta são fatores determinantes para que sejam inseridos na sociedade.

Acreditando que os jornalistas possam ser mobilizados pela pressão dos movimentos sociais, Traquina (2005) defende que o jornalismo exerça um serviço em favor dos interesses coletivos. Segundo ele, a notícia é formada a partir de um campo de negociação com diversas fontes e interesses distintos.

O poder do jornalismo e dos jornalistas aponta para a importância das suas responsabilidades sociais. A afirmação do reconhecimento de suas responsabilidades, por parte dos jornalistas e também dos donos das empresas jornalísticas, não é possível reduzindo as notícias a uma simples mercadoria (TRAQUINA, 2005, p. 208).

Enquanto a grande mídia não se ater às causas sociais, uma grande parte das pessoas com deficiência ainda sofrerá com o preconceito às margens da sociedade. É preciso que o jornalista se envolva mais com o chamado jornalismo cívico, como afirma o Gomes da Silva (2012), que pede menos notícias sobre a intimidade das celebridades do momento e sobre curiosidades banais em saúde e beleza.

6. DOCUMENTÁRIO X VÍDEO-REPORTAGEM

Muito se confunde a respeito da produção de documentário ou vídeo-reportagem. E não à toa exista essa confusão, tendo em vista que ambos procuram aprofundar causas e consequências de determinado tema. Segundo Oliveira, Carmo-Roldão e Bazi (2011), autores do artigo *Documentário e vídeo-reportagem: uma contribuição ao ensino de telejornalismo*, as diferenças são encontradas em três aspectos: **abordagem, formato e produção**.

Segundo os autores, tanto um, quanto o outro modelo, contam início, meio e fim. Enquanto que na vídeo-reportagem a **abordagem** tem o conteúdo estabelecido

por algum assunto recorrente na mídia, previamente estipulado por uma pauta, o documentário tem um perfil autoral e não factual. Normalmente, o documentário tem uma temática mais polêmica ou de assuntos com importância cultural e social.

Para Turner (1997), a importância da produção audiovisual para causas sociais “parte de um argumento sobre a *representação* – processo social de fazer com que imagens, sons, signos, signifiquem algo – no cinema e na televisão.” (TURNER, 1997, p. 48)

Por apresentar um perfil mais jornalístico, a vídeo-reportagem procura informar o telespectador, enquanto o documentário tenta trazer uma profundidade reflexiva. Uma vez que a vídeo-reportagem prega a imparcialidade do assunto tratado, o documentário se diferencia pela linha parcial de produção.

O documentarista busca ouvir a opinião de várias pessoas sobre determinado acontecimento ou personalidade, seja para confirmar uma tese, seja para confrontar opiniões. No entanto, apesar de apresentar um emaranhado de vozes, que muitas vezes se opõem e se contradizem, uma voz tende a predominar: aquela que traz em si o ponto de vista do autor (MELO; GOMES; MORAIS, 2002, p. 6)

O **formato** de uma vídeo-reportagem costuma levar a estrutura padrão de uma reportagem em televisão, com off's (textos), sonoras (entrevistas) e passagem (apresentação do repórter). Sem um segmento padronizado, o documentário dispõe de mais liberdade produtiva, mas pode conter narração em off, tais como alguns documentários do canal de televisão à cabo *National Geographic Channel*. “(...) no documentário há uma busca pelo aprofundamento do assunto e a forma de fazê-lo depende de sua roteirização.” (OLIVEIRA, CARMO-ROLIDÃO, BAZI, 2011, p. 16).

Tal aprofundamento permite que o documentário tenha mais tempo de duração, ao contrário do vídeo-reportagem, que depende do espaço determinado pela grade do canal de televisão que será veiculado, lembram os autores. Para Melo, Gomes e Moraes (2001), isso explica o motivo do baixo número de documentários televisionados.

Percebemos que o documentário é um gênero pouco frequente nos canais abertos de televisão, com exceção das TVs educativas. Acreditamos que isso se dá porque nas

TVs comerciais o ritmo da produção jornalística é pautado, prioritariamente, pela informação factual e pelo imediatismo na transmissão da informação. Isso dificulta o investimento na produção de documentários, gênero jornalístico mais atemporal e que requer uma pesquisa mais aprofundada e detalhada do tema a ser abordado (MELO, GOMES, MORAIS, 2001, p. 4).

O processo de **produção** entre os dois gêneros audiovisuais se distingue pela forma de montagem. Para Oliveira, Carmo-Rolidão e Bazi (2011), enquanto o vídeo-reportagem é construído mediante apurações, o documentário segue um roteiro, composto por três itens: pré-produção, produção e pós-produção.

Na pré-produção são planejadas e desenvolvidas as pesquisas para a composição do produto. É nessa etapa que são feitas as apurações acerca do assunto abordado, dados bibliográficos e feitos os contatos com os entrevistados. Todo o planejamento é feito já na etapa de produção, onde são gravados os depoimentos. Já no processo de vídeo-reportagem são estipuladas as pautas.

É importante esclarecer que, no vídeo-reportagem, uma entrevista com uma fonte pode render novas ideias para o aperfeiçoamento do produto. Sendo assim, o roteiro precisa de todas as pautas para a conclusão. “Uma pauta bem feita prevê volume de informação necessário para a garantia de eventuais quedas de pauta e ainda matérias que poderão ser aproveitadas posteriormente” (LAGE, 2001, p. 37).

Ainda segundo Oliveira, Carmo-Rolidão e Bazi (2011), no documentário, a gravação tem mais liberdade na escolha da movimentação durante a filmagem. Uma fonte costuma aparecer mais de uma vez nas filmagens, podendo estar em outro plano. No vídeo-reportagem, a filmagem não sofre essa alteração.

O processo de maior semelhança entre o documentário e o vídeo-reportagem aparece na pós-produção. Com o roteiro elaborado, tem-se o trabalho de decupagem de todas as filmagens. É nesse processo que são selecionadas as melhores imagens para a junção das cenas. A única diferença fica por conta da inserção dos efeitos gráficos. Enquanto no documentário a sistemática de edição

ocorre mais livremente, no vídeo-reportagem, pela contextualização da informação, a dinâmica da computação gráfica deve ser usada com moderação, alertam os autores.

7. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Antes de surgir a ideia de realizar um documentário. Os assuntos sobre Olimpíadas e Copa do Mundo beiravam o assunto de esporte em 2012. E durante uma reunião de uma matéria do curso, mais explicitamente do Jornal Esquina, surgiu a ideia de fazer uma matéria com promessas da capital brasileira para Rio 2016. Infelizmente essa pauta não chegou a ser concretizada pelo tempo que ela demandaria.

Entretanto, a ideia não morreu, e foi levada durante toda a pré-produção do TCC na matéria Métodos e Técnicas de Pesquisa. Logo ao início das orientações com o Professor Luiz Cláudio, ao saber que também gostaríamos de abordar o tema sobre paratletas, e, contudo já tínhamos até entrado em acordo com o Guilherme Costa, jogador do tênis de mesa. Ele sugeriu que o TCC focasse apenas esse lado da história. A sugestão foi aceita imediatamente, já que o assunto é pouco abordado na mídia, principalmente no Distrito Federal.

As recentes conquistas dos paratletas brasileiros em competições internacionais importantes podem ser elencadas:

- O Parapan do Rio de Janeiro 2007, onde o Brasil conseguiu conquistar 83 medalhas de ouro, 68 de prata e 77 de bronze, totalizando 228 vezes em que subiu no pódio, ficando em 1º na classificação do quadro de medalhas;
- O Parapan de Guadalajara em 2011, onde o Brasil também se manteve em 1º na classificação geral com 81 medalhas de ouro, 61 de prata e 55 de bronze.
- As Paralímpias de 2008 em Pequim, onde o Brasil terminou a competição em 9º lugar com 16 medalhas de ouro, 14 de prata e 17 de bronze, totalizando 47 medalhas conquistadas.
- Nas Paralímpias de Londres em 2012, onde o Brasil subiu para o 7º lugar no quadro de medalhas com 21 medalhas de ouro, 14 de prata e 8 de bronze, chegando a um total de 43 medalhas no fim da competição.

Todos esses eventos mereceriam ampla cobertura da mídia, no entanto, não houve a transmissão do que ocorreu durante as Olimpíadas de 2012, onde o Brasil conquistou 3 medalhas de ouro, 5 de prata e 9 de bronze. Totalizando um total de 17 medalhas conquistadas e ficando em 22º lugar no quadro de medalhas em Londres.

Em 2008 em Pequim o Brasil chegou a conquistar nas olimpíadas, 3 medalhas de ouro, 4 de prata e 8 de bronze. Ficando em 23º lugar na classificação

geral do quadro de medalhas. Uma colocação e um número de medalhas muito menor do que os paratletas conseguiram.

Isso por si só, chama a atenção do porque não transmitir de forma igual e dar a divulgação que geraria maior patrocínio e dinheiro para esses paratletas, sendo que os resultados que eles alcançam superam a dos atletas considerados normais. Foi por este motivo que decidimos mergulhar no mundo desses lutadores e compreender o que se passa nas suas mentes e corações cabeça e conhecer um pouco mais do dia a dia de cada um deles.

7.1 Personagens do documentário

As gravações do documentário Paratletas: A Superação Pelo Esporte no Distrito Federal começaram no dia 22 de abril de 2013, no Centro Interescolar de Educação Física (CIEF) em uma segunda-feira às 17h. O primeiro personagem foi Bruno Gomes, atacante do time do futebol de 5. Já era noite, pois o jogador só pode conceder a entrevista depois do treino. O local escolhido para a gravação foi onde havia um pouco mais de luz no local, que era o próprio campo em quem ele joga. Durante cerca de 20 minutos, Bruno contou sua história de vida, sobre como ficou cego e sobre seus sonhos. O principal, vestir a camisa da seleção brasileira de futebol para 5 e disputar uma Paraolímpada.

No mesmo dia, entrevistamos o técnico do jogador e do time, Marcelo Rozenberg, que relatou como o esporte é importante para os deficientes, sobretudo o futebol de 5 para deficientes visuais. E, além disso, como os jogadores de seu time o fizeram crescer pessoalmente. Marcelo visivelmente emocionado, conversou sobre como vive para eles, chegou a comentar que não tem vida pessoal, para que eles possam treinar todos os dias e competir durante o final de semana.

Marcelo revelou também sobre uma inovação que realizou nos treinos e que foi capturada pelas imagens da gravação, que é dispensar a necessidade de ter alguém parar correr dentro de campo com os deficientes visuais. No caso ele amarra dois pedaços de barbante entre as traves do gol com um pedaço de plástico nas pontas antes de chegar ao gol, para que assim eles identifiquem com o contato das

mãos que devem girar para não bater na trave e continuar correndo, dando maior independência ao paratleta e ao treino realizado na capital do país.

Em seguida outro paratleta do futebol de 5, Abraão Lincoln, nos concedeu a última entrevista do dia. Ele falou sobre como ficou deficiente, e como é difícil o mundo dos deficientes visuais, porém relatou também como é gratificante conseguir os objetivos através do esporte.

Infelizmente, por falta de espaço na fita, a entrevista foi interrompida no dia e só foi terminar no dia 2 de maio. Nesse dia acompanhamos o caminho de Abraão no seu retorno para casa. Foram feitas imagens dele caminhando pelo CIEF, entrando no carro, o percurso percorrido e também dentro da própria casa, com sua família e junto com as conquistas de sua carreira como jogador.

Com o final das gravações foram feitas imagens do local, com crianças praticando esporte, o treino dos jogadores e outros depoimentos que infelizmente não puderam ser aproveitados durante o documentário.

O segundo dia de gravação foi realizado no dia 26 de Abril, no Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), pelo Edilson Alves de Rocha, o Tubiba, Diretor do Departamento Técnico da instituição. Na gravação perguntamos sobre o verdadeiro papel do CPB, e como o Comitê atua para buscar novos talentos para o Brasil no esporte do paratletismo. Tubiba falou por aproximadamente 25 minutos e respondeu que o Brasil trabalha para se tornar um dos grandes nomes mundiais na próxima Paralimpiadas.

Além das imagens feitas com o equipamento da faculdade, foram concedidas também, sob autorização, imagens do *site Youtube* do Comitê Paralímpico Brasileiro, que guarda em seu acervo no canal da internet as imagens dos paratletas competindo com variedades no ângulo de imagens, entregas de medalhas e depoimentos.

A gravação continuou no dia 9 de maio, na Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), com os paratletas do tênis de mesa. No local foram registradas

imagens do treino dos jogadores e também dos depoimentos. O primeiro a gravar foi o jogador Bruno Braga. O paratleta comentou a maneira sobre a qual ficou tetraplégico, sobre as possibilidades que o esporte abriu para a sua vida e também sobre a falta de espaço na mídia para o paratletismo que nas últimas Paralímpiadas tem ganhado mais medalhas do que os atletas considerados “normais”, segundo ele.

No mesmo dia o treinador da seleção de tênis de mesa, José Ricardo, falou sobre a expectativa do Brasil nas Paralímpiadas em 2016 e revelou que espera que o tênis de mesa no Brasil esteja no nível dos 5 grandes países que dominam o esporte atualmente, num prazo de 10 anos.

Guilherme Costa foi o último entrevistado do dia. A idéia de produzir um documentário sobre os paratletas do Distrito Federal, talvez tenha surgido por causa dele. Quando uma conversa com um amigo em comum com Guilherme, contou sua história. Após o treino de três horas, a primeira parte que seria dada sequência no início da tarde. O acompanhamos até em casa, onde ele nos contou a trágica história de seu acidente relatada no documentário, sua vida, os ensinamentos que a deficiência trouxe e sobre seus planos para Rio 2016. No final foram realizadas imagens do paratleta entrando no carro ao qual dirige sozinho, com suas medalhas e troféus conquistados ao longo da carreira.

Na outra semana, dia 12 de maio em uma segunda-feira, fomos até o Centro Olímpico de Ceilândia para gravar com um grande campeão e talvez o mais vitorioso dos entrevistados no documentário. Ariosvaldo Fernandes Silva, o Parré, que é sete vezes campeão brasileiro e Campeão parapanamericano, ficou em 4º lugar na Paralimpiada de Londres. Parré começou no Esporte Paraolímpico através do basquete em cadeira de rodas, mas por não poder ter a chance de competir profissionalmente pelo esporte foi para o atletismo. Durante a entrevista, demonstrou preocupação com o pouco investimento financeiro no esporte e a falta de novas promessas em sua modalidade.

Outra participante do atletismo e única representando do sexo feminino no documentário, Ana Paula, se mudou do Rio Grande do Sul, por falta de infraestrutura e apoio no Estado para poder treinar atletismo em Brasília. Ana

revelou que seu sonho é um dia disputar uma Paralimpiada e mostrar a bandeira do Brasil para o mundo todo.

Denis Giganti, treinador de Parré e Ana Paula, disse nas gravações que é necessário além de investimento, disposição dos deficientes para chegar ao pódio. Pois no treinamento o paratleta muitas vezes tem que aguentar a saudade de ficar longe da família e as dores que vem com consequência do esforço físico.

O último personagem das gravações é o jornalista José Cruz, por sua grande experiência e estudo com o esporte. Foram 45 minutos de entrevista em quem José Cruz mostrou sua indignação com o investimento no esporte não só paralímpico, mas também no esporte como um todo, tirando o futebol. Para ele, os políticos não deviam fazer parte do esporte, pois só o atleta sabe das dificuldades que outro atleta passa.

8. RELATÓRIO DE EDIÇÃO E ROTEIRO

Após dois meses de gravações, dez fitas DV gravadas, cerca de oito horas de gravações. Chegou o momento da montagem do filme. Primeiramente foi feita toda a decupagem do vídeo para que então ele realmente começasse a tomar corpo. Foram três dias seguidos olhando todas as gravações e separando detalhadamente quais as melhores falas dos personagens e o que mais interessava colocar dentro do documentário.

Essa foi à parte mais difícil do trabalho, pois existia muito material e pouco tempo dentro do documentário. Foi utilizado o critério de separar o material de cada personagem por tópicos que entrariam no filme. Dessa forma existira uma maior

facilidade de separar o que seria de extrema importância do que poderia ser descartado das gravações. De qualquer forma, ainda existiu certa dificuldade para fecharmos o vídeo. Foram várias folhas de papel utilizadas, várias opções de falas e ideias que iam surgindo durante o processo. Mas felizmente chegou-se ao consenso da dupla sobre o melhor material possível para o documentário expressar o que queríamos.

Com todo o vídeo decupado, o próximo passo seria escolher a ordem dos personagens dentro de cada tópico, por onde começaríamos e os tópicos que se encaixariam melhor para começar a construção do roteiro. A ideia para iniciarmos então o vídeo foi de apresentar os seis paratletas, já relatando a deficiência de cada um e a causa dela, para que então, conseguíssemos dar sequência no produto. A ideia seguinte foi encaixar a vida e o esporte desses paratletas, relatando o que este significa para cada um, suas conquistas através do esporte e o que isso mudou em suas vidas.

Em seguida conseguimos achar mais facilidade para encaixar os tópicos e tudo foi fluindo com mais facilidade. Encaixamos as falas sobre o aparecimento de novos talentos pelo esporte, o apoio de todos os lados que esses paratletas recebem a participação da mídia no mundo do paratletismo, Rio 2016 que é o maior objetivo de conquistas para alguns desses atletas. E finalmente, buscando inspirar não só os próprios deficientes, mas também como o público em geral que assistir o documentário, decidimos concluir o produto com as falas de alguns personagens que marcaram todo o trabalho desde o início das gravações, e que também serviram de inspiração durante todo o processo para terminar o TCC e ultrapassar as adversidades que surgiram no caminho.

Com o principal já feito, faltavam as imagens de suporte que gravamos e que o CPB nos disponibilizou para usarmos dentro do documentário. Foi feita novamente uma decupagem rápida no material, apenas focada em achar as imagens que se enquadrassem dentro do produto. O que foi feito com tranquilidade, já que no pré-projeto de todo o trabalho já havíamos planejado quais os tipos de imagens que precisaríamos.

Em uma conversa com nosso orientador Luiz Cláudio, ele aprovou as ideias e também aconselhou a dar um certo clima de suspense no filme, e não começar diretamente com o melhor do produto que sem dúvida são as declarações dos personagens. Então lançamos imagens que apenas estimulassem sobre o que o assunto iria tratar, como o giro da cadeira de rodas do Parré no aquecimento do treino, para assim chegarmos às primeiras declarações do vídeo, prendendo assim a atenção do telespectador.

No restante do documentário o plano de mesclar imagens e personagens foi levado durante toda a finalização do produto, tendo muitas vezes como quebra de blocos essas imagens como suporte para, além de aliviar essas mudanças de temas, também mostrar outros paratletas de destaque no Brasil, e como eles vem elevando o nome do país pelo mundo.

Vale lembrar que todo o material utilizado durante as gravações contou com o apoio incondicional do setor de audiovisual do UniCEUB. Microfone lapela, filmadora, tripé e luz de suporte foram disponibilizados durante todo o processo de gravações. Não houve nenhum outro auxílio de câmera ou material que não tenha sido oferecido pelo UniCEUB.

Todo o processo de edição, produção e pós produção do documentário ocorreu fora da ilha de edição do curso de comunicação. O fato ocorreu pelo curto prazo de fechamento do documentário e pelo comprometimento da faculdade de servir a outros trabalhos o suporte necessário. Então escolhemos a opção de produzir a edição por um colega em comum que trabalha com este tipo de trabalho. Acompanhamos junto com o editor todo o processo, ajudando com idéias e alterando pequenos detalhes que foram necessários no decorrer da produção. O trabalho acabou sendo agradável e satisfatório com o que queríamos.

A trilha sonora foi retirada do site www.freeplaymusic.com que disponibiliza gratuitamente todas as músicas baixadas. Elas foram escolhidas para dar um toque a mais no trabalho e não deixar algumas passagens de tópicos monótonas. As músicas escolhidas do site foram:

- 1- Never forget (dramatic instrumental)
- 2- Things are different here (full version)
- 3- All is not lost (full version)
- 4- Impalpable (full version)
- 5- Some soul (full version)
- 6- Oh cruel fate (full version)

A escolha da logomarca foi feita considerando que não queríamos nos focar na deficiência em si, mas nas conquistas que esses guerreiros conseguiram e almejam durante toda a carreira profissional. Ela foi produzida pelo programa Logo Maker, que foi escolhido pela fácil manipulação e o grande acervo de imagens da base do programa. Desta maneira foi fácil produzir o material. Escolhemos a cor dourada no nome do documentário, pois lembra o ouro, a conquista e a vitória, para inspirar ainda mais o telespectador para conhecer a história desses paratletas. Utilizamos também medalhas empilhadas para demonstrar que todos já são vencedores por estarem lutando pelo prazer de viver.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a idéia inicial até o final de toda a produção do material, foram três meses de muito trabalho e dedicação a esse documentário. Houve momentos de angústia, mas também de satisfação. O maior problema encontrado para realizar este filme foi justamente o tempo. Cronograma apertado, poucos recursos, falta de equipamento e muitas vezes os problemas pessoais para conseguir marcar uma gravação com algum personagem foram outros desafios enfrentados para concluir este trabalho.

O vídeo foi separado por tópicos para ajudar a compreender os reais propósitos do documentário e também para facilitar o entendimento do telespectador

durante a realização do filme. As apurações das gravações foram, dia após dia, se tornando cada vez mais intensas e construtivas. O trabalho poderia ter ficado mais gratificante se o tempo fosse maior ou se houvesse a aceitação de alguns personagens ou lugares para que houvesse uma contribuição mais detalhada para o filme. Entretanto outras aceitações enriqueceram o trabalho e deram um toque a mais no documentário.

De forma geral, o produto supriu as expectativas e em algumas oportunidades até as superou. A avaliação que fazemos é que o objetivo principal foi atingido: retratar a vida dos paratletas através do esporte relatando as conquistas e vitórias de cada um. E mostrar a deficiência, não da pessoa física, mas sim do pouco apoio que esses paratletas têm em todos os âmbitos.

O que ressaltamos é a proposta que tentamos fazer com o documentário. Mostrando as várias faces do jornalismo, que é mais do que retratar notícias do dia a dia veiculadas nos jornais e portais de notícias da internet. Mas sim focar nas histórias marcantes, no lado humano e da superação que o telejornalismo pode investir. Este documentário poderia sim ser adaptado e ser mostrado na mídia para expor a real situação do esporte para o paratleta e comunicar ao telespectador que para o brasileiro conseguir seus objetivos não precisa de muito, só de superação. É isto que o documentário *Paratletas: A Superação Pelo Esporte no Distrito Federal* retratou ao longo dessa jornada.

10. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

LAGE, Nilson. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

MELO, Cristina Teixeira V. de, GOMES, Isaltina Mello e MORAIS, Wilma. *O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral*. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro de Comunicação – Campo Grande/MS – setembro 2001.

NICHOLS, Bill. *Introdução do documentário*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2009.

OSANDÓN, Patrícia. *Guerreiros Paraolímpicos: Vida e Magia*. Brasília: Thesaurus, 2008

COELHO, Paulo Vinícius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003

TUBINO, Manoel José Gomes. *Dimensões sociais do esporte*. São Paulo: Cortez, 2001

TURNER, Graeme. *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus, 1997

BRACHT, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Ijuí, Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2003

SILVA, Ricardo Duarte Gomes da. *O papel social do jornalismo cívico e a interação midiática entre o jornalista e as minorias sociais*. Viçosa, Minas Gerais: Revista de Ciências Humanas v. 12, n. 1, p. 52-65, jan./jun. 2012

PENAFRIA, Manuela. *O filme documentário: História, identidade, tecnologia*. Lisboa: Cosmos, 1999

BRANDT, Ricardo. *A psicologia do esporte aplicada a atletas portadores de necessidades especiais: reflexões epistemológicas, filosóficas e práticas*. Buenos Aires. Revista Digital n. 121, jun. 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/artigos/ANDRADE_ALEXANDRO.pdf>

ROSADAS, Sidney Carvalho. *Atividade física adaptada e jogos esportivos para o deficiente: Eu posso. Vocês duvidam?* Rio de Janeiro. Livraria Atheneu, 1989

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo*. V.1, 2ª Ed. Florianópolis, Santa Catarina: Insular, 2005, p. 224

OLIVEIRA, Ana Paula Silva, CARMO-ROLIDÃO, Ivete Cardoso do, BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. *Documentário e video-reportagem: uma contribuição ao ensino de telejornalismo*. 9º fórum nacional de professores de jornalismo p. 11-19, 2006. Disponível em: <<http://www.fnnpj.org.br/dados/grupos/documentario-e-video-reportagem-uma-contribuicao-ao-ensino-de-telejornalismo%5B75%5D.pdf>>

SASSAKI, Romeu Kazumi. *Como chamar as pessoas que têm deficiência?* Revista da Sociedade Brasileira de Ostomizados, ano I, n. 1, 1º sem. 2003, p.8-11. [Texto atualizado em 2009]. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=1855>>

DACOSTA, Lamartine, CORRÊA, Dirce, RIZZUTI, Elaine, VILLANO Bernardo, MIRAGAYA, Ana. *Legados de megaeventos esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008

BURITI, Marcelo de Almeida. *Psicologia do esporte*. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2001.

RUBIO, Katia. *Psicologia do esporte aplicada*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003

ESTEVÃO, Francine Doracenzi, GARZON, Juliana Jurkovick. *Cidade alternativa*. Ribeirão Preto, São Paulo. Disponível em: <<http://www.uniseb.com.br/presencial/bibliotecatccdigital/Anexo/6608382f-5c84-444d-987b-294585e8c073.pdf>>

PATURY, Felipe. *Dilma decreta: “paralímpico”, não. No Brasil, é paraolímpico*. Disponível em: <<http://colunas.revistaepoca.globo.com/felipepatury/2012/09/13/dilma-paralimpico-nao-no-brasil-e-paraolimpico/>>

Blog Cinema na Escola. *Vídeo-reportagem X Documentário* <<http://cineducacao.blogspot.com.br/2010/04/video-reportagem-x-documentario.html>>

RODRIGUES, Sérgio. Sai paraolímpico, entra paralímpico.

<[http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/curiosidades-etimologicas/sai-](http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/curiosidades-etimologicas/sai-paraolimpico-entra-paralimpico/)

paraolimpico-entra-paralimpico/>

Empresa Brasil de Comunicação (EBC). *Você sabe por que o nome*

"paraolimpíadas" mudou para "paralimpíadas"?. Disponível em: <

[http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2012/08/voce-sabe-por-que-o-nome-](http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2012/08/voce-sabe-por-que-o-nome-paraolimpiadas-mudou-para-paralimpiadas)

paraolimpiadas-mudou-para-paralimpiadas>

11. ANEXOS

O DOCUMENTÁRIO COMEÇA COM IMAGENS DA FITA 9 – 00:00 A 00:10 – PARRÉ RODANDO A CADEIRA DE RODAS NO AQUECIMENTO

ENTRA SONORA DO PARRÉ (FITA 5) – 07:16 – Minha deficiência é seqüela de poliomielite né? Eu peguei pólio com um ano e seis meses de idade. Hoje eu tenho 36 anos né...? Desde um ano e pouquinho que eu já convivi com minha deficiência. - 07:29

COMEÇA COM IMAGENS DA FITA 3 – 14:20 A 14:40

ABRAÃO LINCONL (FITA 1) - 39:09 – Os médicos acha que foi meningite né...? Atrofiamento do nervo ótico, mas eles não descobriram a causa não. – 39:16

ENTRA SONORA DO GUILHERME COSTA (FITA 10) - 02:02 – E ai uma tarde eu tava voltando pra casa mais cedo pra fazer um dever de matemática e ai eu fui atravessar na faixa de pedestres um cara vinha a 120 km/h não conseguiu frear e me atropelou a 105 km/h mais ou menos. E ai foram 6 meses de hospital, dois meses de UTI, 7 cirurgias, traumatismo craniano, fratura exposta, duas paradas cardíacas, sete bactérias hospitalares, vinte dias em coma, e eu perdi trinta quilos, eu acho que foi só isso... e...fiquei tetraplégico, sempre esqueço dessa – 05:40
ANA PAULA (FITA 9) – 53:59 – O meu foi... foi algo mais pessoal, assim... eu levei um tiro e fiquei, faz dez anos que eu to na cadeira de rodas. – 54:05

ENTRAM IMAGENS DA FITA 2 - BOLA PARADA E DEPOIS ELA EM MOVIMENTO DURANTE O TREINO DOS JOGADORES EM UM ÂNGULO ABAIXO DA CINTURA DOS JOGADORES

BRUNO GOMES (FITA 2) – 32:09 – O meu aos nove anos eu sentia muita dor de cabeça e tive a perda da visão muito rápida, dentro de uma semana eu perdi a visão e na tomografia foi constatado um tumor no nervo ótico, ele comprimiu e atrofiou o nervo ótico. – 32:24

ENTRAM IMAGENS DA FITA 6 - ATLETA NA CADEIRA DE RODAS E AS BOLINHAS DE PING PONG NUMA CESTA AO LADO

BRUNO BRAGA (FITA 6) – 30:20 – Olha... é, eu tive um acidente em 2007 quando eu tinha 16 anos, e assim é... não vou falar que tive minha recaídas, porque tive, entendeu?, sou humano... tenho...chorei muito, mas assim uma coisa que eu sempre tive como lição: apesar do acontecimento que você tem que enfrentar no seu dia a dia, é o que a gente tem que enfrentar, então assim: a gente não pode se acomodar a situação, a gente não pode simplesmente deixar de viver uma vida e ficar em casa trancado e não, não ver gente, não sair pra conhecer pessoas novas. – 30:55

Entra nome do filme: PARATLETAS: A SUPERAÇÃO PELO ESPORTE NO DISTRITO FEDERAL

ENTRAM IMAGENS SEM O ÁUDIO DE Parapan 2011 - Vídeo Release Atletismo - 17/11 (<http://www.youtube.com/watch?v=ZFRVs-d6CtE>) – PARRÉ COMEMORANDO (05:56-06:19). LOGO AO FINAL DESSA IMAGENS, ENQUANTO ELE COMEMORA COM PUNHO FECHADO JÁ PODE COMEÇAR COM A SONORA DELE

PARRÉ (FITA 5) – 10:51 – Eu não sei o que seria de mim agora, se tipo assim, se eu tivesse que acabar de fazer esporte hoje, eu não sei. Por isso que eu falo que tudo de bom que eu tenho hoje eu tive no esporte para-olímpico. – 11:03

BRUNO GOMES (FITA 2) – 35:06 – Nossa, o esporte na minha vida é tudo. Porque assim, é...não tem nem como explicar, porque eu já gostava de futebol antes de perder a visão, já praticava... e depois que eu perdi a visão que eu pensei assim que nunca mais ia poder jogar e tal, e agora há cinco anos atrás eu descobri que isso é possível, e do mesmo jeito que tem pra um atleta normal tem pra gente também. – 35:34

MARCELO ROZEBERG (FITA 1) – 12:23 – Se não fosse o esporte muitos estariam presos em casa apenas no computador, ou na televisão, passando 24h do seu dia nesse mundo, sentado ai, sem ter mais o que fazer. Então e aqui que eles se sentem vivos de verdade, que eles entram numa disputa em que eles podem mostrar do que são capazes contra o que os outros são capazes. – 12:46

ENTRAM IMAGENS DA FITA 6 - BRUNO TREINANDO

BRUNO BRAGA (FITA 6) – 31:14 – O esporte foi uma fuga pra mim sair dessa depressão... não depressão, mas uma fuga pra eu continuar lutando, continuar correndo atrás dos meus sonhos e vivendo a vida cada dia mais, e nunca deixar a bolinha cair, e sempre correr atrás de tudo. – 31:32

ANA PAULA (FITA 9) – 58:10 – Eu era só dona de casa. Cuidava eu, meu filho, eu e ele em casa, o dia inteiro, fazia os afazeres de casa. Estudei também o ensino médio né? Os três anos, e depois dali também não fiz mais nada, só em casa.

ENTRAM IMAGENS DA FITA 9 - ANA PAULA TREINANDO ANTES DELA INICIAR AS FRASES ABAIXO

Aí foi que veio a motivação deu querer competir, fazer alguma coisa, porque estava sem fazer nada, parada né... Eu disse bom, tenho que fazer algo porque ficar assim eu vou dar mais pros outros ver, a, coitadinha, ta lá, casinha dela e tal, tal. Não. Eu quero mostrar que eu posso ainda fazer algo mais. – 58:45

GUILHERME COSTA (FITA 10) – 21:11 – Eu falo que eu não devo tudo, mas eu devo uma grande parcela ao esporte. Porque é muito isso de superação, de você descobrir o seu limite e falar não, dá mais, vamos lá. E foi através do esporte que eu conheci oito países. – 21:27

BRUNO BRAGA (FITA 6) – 34:45 – O tênis de mesa já me proporcionou a conhecer a Alemanha, vai me proporcionar a conhecer agora a Eslováquia e a Eslovênia, já fui pra Itália, já fui pra Veneza, é...já fui pra Nantes na Franca, já fui pra Inglaterra, já fui pra Argentina, Costa Rica, é, Panamá, Estados Unidos, então, o tênis de mesa hoje, eu posso falar que, graças a ele eu posso conhecer o mundo inteiro. – 35:20

ANA PAULA (FITA 9) – 57:23 – Muitos olham o deficiente como se ele, a, a vida dela é aquela cadeira e deu. Não. É mais. Muito mais. – 57:29

ENTRAM IMAGENS DA FITA 2 DO BRUNO TREINANDO

BRUNO GOMES (FITA 2) – 39:26 – Depois que começou o esporte até a movimentação e mobilidade de...pra andar só, os reflexos melhoram, é...a questão de como eu já tenho problema de hipotireodismo, já me ajudou muito com isso. – 39:40

JOSE RICARDO (FITA 6) – 48:11 – O esporte é a segunda família deles. É ai que eles vão, ai que eles vão ter a capacidade de mostrar que ainda são capazes, que ainda tem condições de fazer muita coisa, mesmo com as deficiências. Então isso é uma inclusão muito importante. – 48:29

GUILHERME COSTA (FITA 10) – 21:59 – E o esporte não precisa ser de alto rendimento, eu acho que todo deficiente físico, como toda pessoa, dita normal, eu acho que tem que fazer esporte. – 22:10

BLOCO 3 – NOVOS TALENTOS

ENTRAM IMAGENS SEM O ÁUDIO DE Paralimpíadas Escolares 2012
(<http://www.youtube.com/watch?v=0URYBscloUI>) – Encerramento (00:00-00:20)

PARRÉ (FITA 5) – 23:37 – Pra um país que quer crescer dentro do esporte eu acho que é um trabalho muito importante, esse trabalho de trabalhar na base. – 23:43

EDIÇÃO

25:11 – Não tem como crescer no esporte se não aparecer atletas novos. – 25:15

ABRAÃO LINCONL (FITA 3) – 46:49 – To tentando buscar mais pessoas como eu te disse, vou fazer um trabalho de conscientização de família pra ver se a gente acha uns amigos, uns garotos de quinze, dezesseis, dezessete anos, pra começarem a treinar com a gente pra renovar o time também – 47:04

EDIÇÃO (SEQUÊNCIA: JUNTAR UMA COM A OUTRA)

47:26 – Esse projeto eu quero buscar esses deficientes que esta só dentro de casa, da escola pra casa de casa pra escola, pra mostrar pra eles que o mundo nosso é bem amplo que eles podem ir bem mais longe do que eles pensam. – 47:40

ENTRAM IMAGENS DA FITA 9 - ATLETAS TREINANDO NO CAMPO DE ATLETISMO. FOCO ESPECIAL NO GAROTO CEGO QUE ESTÁ ACOMPANHADO POR OUTRA PESSOA

DENIS GIGANTI (FITA 9) – 39:40 – A maior deficiência que nós encontramos né, pra poder, é...não encontramos na verdade para trabalhar é o deficiente visual, né. Porque quando ele começa, desde cedo, desde pequeno, o pai e mãe as vezes cerca muito em relação ao mundo, ele não tem assim uma certa, como é que eu diria pra você, independência, né? Então tem famílias que já dão independência demais, tem outras que já é muito assistencialismo em relação a isso. – 40:14

TUBIBA (FITA 7) – 06:31 – A gente tem um plano, um plano de trabalho, um planejamento estratégico que ele é feito a longo prazo, e dentro desse plano a gente criou um conceito que a gente chama um conceito de teia. – 06:41

EDIÇÃO (SEQUÊNCIA: JUNTAR UMA COM A OUTRA)

06:49 – Que é um projeto que o comitê paralímpico brasileiro passa recursos para que os clubes desenvolvam esportes na escola

ENTRA IMAGENS SEM O ÁUDIO DE Paralimpíadas Escolares 2012
(<http://www.youtube.com/watch?v=0URYBscloUI>) – Encerramento (00:24-ATÉ O TUBIBA TERMINAR DE FALAR)

obrigatoriamente os atletas que participam desse projeto tem que estar na escola, a gente repassa até 60 mil reais por ano pro clube e ai ele desenvolve o esporte na escola. Nós temos 34 projetos espalhados pelo Brasil, em todas as regiões do Brasil. Desse, desse, dessa participação dele no grupo escolar ele eventualmente participa da paralimpíada escolar municipal, regional, até ele ser classificado pra uma nacional. Daí ele sai pras várias possibilidades. Ele pode participar é... de um circuito loterias caixa, campeonato regional da modalidade dele, um campeonato brasileiro e ai ele começa a ser observado. Eventualmente ele pode fazer parte de uma seleção de jovens, eventualmente ele pode participar e ir pra uma seleção principal. – 07:36

JOSÉ CRUZ (FITA 4) – 27:33 – O atleta de base é aquele da iniciação, aquele que a gente descobre ele na prática de educação física, e nós não temos educação física na escola.

ENTRA IMAGENS DA FITA 3 - GAROTO EM CADEIRA DE RODAS (3:53)

Então o atleta que chega na escola com problema de deficiência auditiva ou problema de visão ou numa cadeira de rodas, ele simplesmente não vai fazer atividade física nenhuma. 27:53

APOIO E MÍDIA

ENTRA IMAGENS DA FITA 2 - BRUNO ENTRANDO NO LOCAL DE TREINO (09:19 ATÉ UNS 09:25)

BRUNO GOMES (FITA 2) – 38:05 – A gente não tem o apoio de ninguém pra ta aqui. Você entendeu? A gente, todo mundo tem sua vida normal, todo mundo trabalha, sai do trabalho, vem pra cá, a gente não tem apoio nenhum. Entendeu? A gente vem por conta própria, por gostar mesmo, porque se a pessoa não gostar ela não sacrifica tantas coisas pra ta aqui. – 38:22

MARCELO ROZEBERG (FITA 1) – 05:54 – Quando eles dizem que não tem o apoio do governo na verdade é que eles queriam muito mais, por exemplo, é...eu já sou um apoio do governo de ser um professor da Secretaria de Educação, cedido, pra no meu expediente normal de trabalho estar dando atendimento pra eles. Então nesse sentido o governo atua, agora, também atua em nos ceder o espaço pra ter o treino.

ENTRA IMAGENS DA FITA 2 DO PESSOAL TREINANDO – (06:52-06:55) E (13:08-13:16). SE AS IMAGENS NÃO FOREM O BASTANTE PARA COBRIR A ORAÇÃO ABAIXO, PODE USAR MAIS IMAGENS DO TREINAMENTO

Mas nos não temos uma banda lateral pra delimitar a saída de bola, nos não temos uma quadra coberta, nos não temos um...um espaço melhor preparado pra que nos pudessemos desenvolver ainda mais o potencial que nos temos. – 06:28

JOSE CRUZ (FITA 4) – 21:33 – Os paralímpicos precisam de muito mais apoio e acessórios, é...na sua mobilidade, na sua movimentação, do que os olímpicos, né. - 21:42

PARRÉ (FITA 5) – 16:34 – O atletismo em cadeira de rodas...uma coisa que é muito complicada se chama: o material. A gente precisa pra ta participando da, do treinamento, das competição, que é a cadeira que a gente precisa pra correr. E eu vou te falar uma coisa: aqui no centro todo mês aparece um atleta querendo correr, achando legal, “o Parré ta aí”, o Parré é campeão e tudo”, mas quando os caras se deparam com essa situação de adquirir esse material, que é a cadeira pra correr, afastam a galera das pistas, por causa disso.

ENTRAM IMAGENS DA FITA 9 - PARRÉ TREINANDO - (17:14-17:21) E (13:59-14:08) – AO MESMO TEMPO QUE ELE COMEÇAR A FRASE ABAIXO.

E, ou seja, que hoje em dia tem que ter um, não sei se vai ser o governo, o CPB, se vai ser o Ministério do Esporte, que vai uma hora, vai, vai se atentar pra isso e vai ter que investir em material pra ta custeando esse material, pra ter atleta nas pistas.

17:19

EDIÇÃO (SEQUÊNCIA: JUNTAR UMA COM A OUTRA)

17:30 – Pra você comprar uma cadeira importada hoje em dia é 18 mil reais. É 9, 8 mil reais uma cadeira mais básica que tem. Mas qual é o atleta paralímpico que tem 9, 10, 12 mil reais na mão pra comprar um equipamento desse? – 17:41

TUBIBA (FITA 7) – 01:41 – O papel do CPB não é repassar um dinheiro ao atleta né, é ele fazer com que o atleta tenha oportunidades de conseguir resultados, e a partir desses resultados ele tenha acesso a patrocínios, a projetos. – 01:54

DENIS GIGANTI (FITA 9) – 48:38 – Eu vou fazer também um papel aqui de advogado do diabo, né...? Então é aquela coisa né, nós já falamos, não adianta, as vezes o governo investe, mas a população não quer. Tá? O treinamento ele não é uma coisa fácil, ele demanda tempo, ele demanda as vezes dor, ele demanda você não ter convívio com a família. – 49:06

ENTRAM IMAGENS DA FITA 9 - DENIS CONVERSANDO COM OS ATLETAS, INDIVIDUALMENTE E COLETIVAMENTE

ANA PAULA (FITA 9) – 53:16 – Vim do RS, próximo a POA, Alvorada. – 53:19

EDIÇÃO (SEQUÊNCIA: JUNTAR UMA COM A OUTRA)

53:39 – Como lá em POA não tem nada sobre competições, nada sobre atletismo, nada que leve a treinar um atleta. – 53:48

EDIÇÃO (SEQUÊNCIA: JUNTAR UMA COM A OUTRA)

54:41 – Então ter que sair de lá em vir pra cá pra poder participar, treinar e poder chegar lá, né, é meio complicado. – 54:48

ENTRAM IMAGENS DA FITA 9 MOSTRANDO O CENTRO OLÍMPICO

BRUNO BRAGA (FITA 6) – 37:08 – Eu creio que o incentivo pra nós não precisa ser igual, mas assim, eu acho que tinha que ter uma atenção a mais com a gente, porque querendo ou não, a gente quase não tem incentivo e mesmo assim a gente ainda busca resultados melhores.

PARRÉ (FITA 5) – 26:26 – Mostrar o atleta é...isso traz retorno pra gente como atleta. – 26:30

EDIÇÃO

26:57 – Não adianta eu ser campeão se ninguém me vê, - 27:00

ENTRAM IMAGENS DO Parapan 2011 - Vídeo Release Atletismo - 17/11 (<http://www.youtube.com/watch?v=ZFRVs-d6CtE>) – **PARRÉ SUBINDO AO PÓDIO PARA RECEBER MEDALHA (06:28-06:51).**

JOSE CRUZ (FITA 4) – 42:33 – A imprensa brasileira ela é voltada 80% para a cobertura do futebol. A cultura brasileira é o futebol. – 42:43

GUILHERME COSTA (FITA 10) – 37:05 – Falta divulgação? Sem duvida nenhuma. Mas eu acho que é um processo que ta nascendo ainda no Brasil. Você cobrar uma divulgação que tem nos EUA, em países de primeiro mundo da Europa, é meio que ilusório porque eles já têm essa divulgação desde a segunda guerra mundial. – 37:26

JOSÉ RICARDO (FITA 6) – 57:40 – Ela é mais direcionada quando tem eventos importantes. – 57:45

RIO 2016

ENTRA IMAGENS SEM O ÁUDIO - Abertura Prêmio Paralímpicos 2012 (http://www.youtube.com/watch?v=43J_hRCx7Gc) - (00:56-1:30). **POUCO ANTES DE ACABAR A FITA ENTRA A PERGUNTA DO EDUARDO LOGO ABAIXO. E ACABAM AS CENAS MOSTRANDO O BRUNO**

BRUNO GOMES (FITA 2) – 35:45 – (EDUARDO FALANDO) Qual é o seu maior sonho? (BRUNO FALANDO) É ta na seleção, e participar da olimpíada. – 35:51
ENTRAM IMAGENS SEM O ÁUDIO DE Abertura Prêmio Paralímpicos 2012
http://www.youtube.com/watch?v=43J_hRCx7Gc **AO MESMO TEMPO EM QUE A ANA PAULA COMEÇA A FALAR (00:13-00:19)**

ANA PAULA (FITA 5) – 05:47 – Ta lá com a bandeira do Brasil, mostrando que tu chegou lá também. Já que tu...que nem eu agora, to lá embaixo, não tenho nada ainda, e chegar lá, poder erguer a bandeira do Brasil e dizer: eu cheguei lá, é a melhor coisa do mundo, imagina ta lá do lado de todos os outros países e poder ta mostrando tua bandeira é ótimo. – 06:06

JOSÉ RICARDO (FITA 6) – 54:20 – Nós não temos como imaginar quais vão ser os nossos resultados no Brasil, mas com um bom trabalho, um bom planejamento e esses meninos treinando diariamente eu acredito muito que nós tenhamos algumas surpresas boas daqui a quatro anos. – 54:35

ENTRAM COM IMAGENS DA FITA 10 - ONDE, NO FINAL DA FITA, MOSTRAM ALGUMAS MEDALHAS DO ATLETA GUILHERME. ENCAIXAR COM IMAGEM DELE SEGURANDO UMA PLACA DE MELHOR ATLETA EM 2011

GUILHERME COSTA (FITA 10) – 32:18 – Eu sou uma promessa pra Rio 2016. Só que antes, ano que vem vai ter o mundial na China e eu pretendo, eu sou um pouco abusado, eu pretendo ir pra esse mundial, tentar me classificar, acho que é bem possível a minha classificação, e se for, vou brigar por uma medalha. – 32:38

EDIÇÃO (SEQUÊNCIA: JUNTAR UMA COM A OUTRA)

33:26 – E se eu for pra 2016 com um mundial na minha bagagem eu acho que vai ser outro campeonato. – 33:33

JOSÉ RICARDO (FITA 6) – 52:00 – Hoje o Brasil ainda não esta entre as potencias paralímpicas, estamos trabalhando pra isso, e acredito que a gente vai estra entre os 5 melhores do mundo daqui a uns 10 anos. – 52:10

TUBIBA (FITA 7) – 13:28 – A gente estuda os nossos principais adversários, a gente estuda as principais provas, então a gente sabe onde é que a gente tem mais possibilidades. Tem algumas modalidades que a gente tem que ter um estudo.

ENTRA IMAGENS SEM O ÁUDIO DE Abertura Prêmio Paralímpicos 2012
http://www.youtube.com/watch?v=43J_hRCx7Gc **AO MESMO TEMPO EM QUE ELE FALAR ALTEROFILISMO, DAÍ ENTRA A IMAGEM DO CARA FAZENDO SUPINO (00:21-00:56)**

Vou te dar um exemplo, halterofilismo, nós temos 20 medalhas de ouro em disputa. Se você olhar é muita medalha, por que, que a gente não consegue aqui? Porque a gente tem um domínio muito grande da Nigéria, do Ira e da China. Então a gente já ta fazendo um trabalho, a gente criou este centros de treinamento regionais, nós vamos identificar atletas, mas se a gente entende que pro Rio a gente não vai conseguir tirar medalha da Nigéria, não vai conseguir tirar medalha desses países, então a gente ta trabalhando pra 2024, 2028. – 14:04

SEM EDIÇÃO

ASSIM QUE O TUBIBA TERMINAR DE FALAR, DEIXA A IMAGEM TOTALMENTE PRETA POR UNS TRÊS SEGUNDOS. NISSO ENTRA A PARTE QUE O EDUARDO FALA. ASSIM QUE ELE TERMINA DE FALAR ENTRA O MARCELO MARCELO ROZEBERG (FITA 1) – 19:03 – (EDUARDO FALANDO) Se você pudesse dar um recado para as pessoas que vão assistir o documentário, qual seria? (MARCELO FALANDO) Pra não olhar os deficientes visuais com pena, com pena. Pelo contrário, eles em nenhum momento eles se lamentam pela falta de visão que tem. Em nenhum momento se mostram fragilizados pela falta de visão. É...é uma lição de vida enorme que eles nos trazem o tempo todo. Se passar perto de alguém com deficiente visual não tenha vergonha, eles esperam mesmo esse contato. – 19: 38

EDIÇÃO (SEQUÊNCIA: JUNTAR UMA COM A OUTRA)

ENTRAM IMAGENS NÃO UTILIZADAS DO TREINAMENTO DOS ATLETAS NA FITA 2 - ASSIM QUE ELE COMEÇAR O PERÍODO ABAIXO:

19:52 – E se puder, sentar um pouquinho pra conversar, porque com certeza a vida se torna muito mais rica através dessa troca de experiências. Eles nos engrandecem muito mais do que nós os engrandecemos. – 20:07

ENTRAM IMAGENS DA FITA 9 - ANA PAULA ANDANDO AO LADO DO FILHO DELA NA PISTA DE ATLETISMO COBRINDO A PERGUNTA E MOSTRANDO ELA ASSIM QUE A PERGUNTA TERMINA

ANA PAULA (FITA 5) – 02:54 – (RODOLFO FALANDO) Na sua opinião, como mudar essa visão, como conscientizar essas pessoas? (ANA PAULA FALANDO) Eu acho que prestar mais atenção, eu acho. Olhar pra ela de uma outra forma. Não como ela é coitada, ela é normal, ela só ta sentada ali, se tu chegar numa pessoa cadeirante e começar a conversar tu vai ver que é como se tivesse conversando com um amigo teu. – 03:15

BRUNO BRAGA (FITA 6) – 37:39 – Nós não somos diferente de ninguém e que se nós não podemos nos igualar, nos podemos ate superar. – 37:45

GUILHERME COSTA (FITA 10) – 40:03 – Minha superação hoje ta justamente nisso, em treinar seis horas por dia e deixar de ter um relacionamento sério, ter uma balada dia de semana e fim de semana uma balada chegar seis horas da manha em casa, nunca mais fiz isso. Ta em comer como tenho que comer, parar de beber, minha superação ta em ser um atleta. – 40:28

ABRAÃO LINCONL (FITA 3) – 48:29 – É outro mundo cara, a deficiência é outro mundo. (RODOLFO FALANDO) Que mundo?

ENTRAM IMAGENS SEM O ÁUDIO DE Abertura Melhores momentos do Desafio Internacional de Futebol de 5 - 2012 (<http://www.youtube.com/watch?v=JBOxze1XrgY>) - (01:40-1:52). ESSAS IMAGENS COBREM A FALA ABAIXO DO ABRAÃO

(ABRAÃO FALANDO) Um mundo bom. Um mundo gratificante, um mundo de superação, um mundo de luta, de guerra, de você obter objetivos né, pro futuro e mostrar pra sociedade que a deficiência não é do jeito que eles pensam. – 48:53

GUILHERME COSTA (FITA 10) – 17:15 – O que te limita é a sua mente. E uma frase que eu acho que é o X de que a mudança veio pra mim e eu espero que seja pra quem estiver assistindo esse documentário, que é uma frase de Chico Xavier: Embora ninguém possa voltar e fazer um novo começo, todos nós podemos mudar agora e fazer um novo final. Basta você querer mudar, dentro das suas limitações

dentro das suas possibilidades, mas todo mundo pode mudar e deixar a sua marca no mundo. – 17:49

FINALIZA COM IMAGENS DOS PARATLETAS JUNTO COM OS CRÉDITOS

E NO FINAL ENTRA ÚLTIMA FALA DO MARCELO ROZEMBERG:

MARCELO ROZEMBERG (FITA 1) – 19: 45 - Tem piada pra tudo, quando vem, eu vou dar só um exemplo de uma piada que eles fizeram comigo. Todo ano nós fazemos um churrasco de encerramento de fim de ano das atividades. E ai eles chegaram juntos – pó professor nós estamos vindo da rodoviária e você tem se mostrado bem próximo da gente e nós nos mobilizamos este ano para lhe dar um presente e trouxemos um carregador universal de presente - Ai eu fiquei todo feliz, não precisava e tal. E me entregaram um saco plástico vazio. Ai eu falei, mas não tem nada aqui! - Não pô, esse é o carregador universal. Você coloca o que quiser ai dentro e carrega o que quiser. Esse é o carregador universal - Então esse é um exemplo de uma das piadas que eles fazem. E fora isso, tem muitas outras então todo dia tem que estar muito preparado, porque quando vem com pergunta assim porque sabe que vem sacanagem por ai. 20: 35